

EDITORIAL

Teatro
 Ali – a luz vermelha
 Aqui – os olhos que vêem
 De viés
 Na diagonal deste ângulo
 Um teatro de sombras
 Sobrângulos
 Destes olhos
 Conscientes e sensicentes
 Fixados na luz
 De formas
 Indecifradas

Iniciamos este editorial com os versos de Sebastião Uchoa Leite porque ele anuncia um modo de olhar e criar relações que gostaríamos de poder imprimir a esta última edição de nossa revista em 2010. Nosso poeta se serve de palavras portmanteu para expressar o intraduzível e, ao fazer uso delas, nos provoca a pensar no poder da linguagem e nas possibilidades de produção de sentido que elas fermentam. Seu texto poético evidencia a figura do público, aquele que lê, que percebe o texto e procura interagir com ele de diversas formas.

A sutileza deste poeta e sua ousadia na procura pela palavra justa anunciam as leituras do simbólico que encontraremos nesta edição por meio de diversas linguagens: literatura, teatro, leitura de imagens, língua de sinais, informática. O leitor vai se deparar com três grandes blocos temáticos nesta edição. O primeiro deles se reporta às pesquisas relacionadas à leitura de textos literários efetuadas no Brasil e na França.

Rogério de Lima, no artigo “Sob a névoa da leitura”, numa interlocução que trava com Barthes, traz uma reflexão profunda acerca da importância da leitura de obras clássicas para a formação do sujeito leitor. Sua discussão se afasta dos clichês normalmente repetidos quando se trata desta temática e semeia provocações aos leitores, uma delas, o convite para ler os clássicos.

Esta proposta encontra eco no texto de Claudia Regina Pereira Belli e Taíza Mara Rauen Moraes, “Dentro e fora dos espelhos: leituras do simbólico”, que traz à baila a leitura de Clarice Lispector, Cecília Meireles, Paulo Leminski, Mário Quintana e Caetano Veloso. O que trazem esses textos em comum? A temática do espelho os percorre e por meio dela as autoras fazem incursões pelo simbólico e pelo duplo.

Francine Cicurel continua a discussão acerca do uso do texto literário focando na perspectiva da recepção literária, estabelecendo uma ponte com a linguística interacional. “Em Quand la littérature parle de l’interaction et de l’action...” encontramos uma posição que vimos no Brasil, defendendo o tratamento do texto literário em sala de aula respeitando suas categorias ficcionais, afastando-se da leitura escolarizante, didatizada. O texto ficcional é desenhado pela pesquisadora como aquele material que permite ao leitor dispor de um grande conjunto de elementos interpretativos e, por conta desse universo ficcional amplo, promove a reflexão sobre os usos da língua, de forma a melhorar o conhecimento do leitor de sua língua, sem a necessidade de subjugar o texto às normas da própria língua que o rege.

“Retratos da leitura no Brasil”, de Maria de Fátima Tonin Lunardi Correa, é outra pesquisa que aborda a leitura direcionando um olhar ao perfil do leitor brasileiro, sua situação econômica e cultural, desvendando o que leem, por que, onde, compondo um quadro com dados interessantes acerca dos hábitos dos leitores. A autora faz uma rápida incursão pela história da escrita, descreve

o papel das bibliotecas e analisa o potencial das bibliotecas digitais em suprir as dificuldades de acesso ao livro.

E para continuar a discussão acerca do texto literário em meio digital, trazemos o artigo de Jorge Luiz Antonio, "Do meio impresso ao digital: a poesia de Ana Maria Uribe". A análise que o pesquisador efetua da produção desta poetisa argentina – tipoemas e anipoemas – encaminha o leitor a perceber as características da poesia visual, animada e eletrônica. Mais do que uma homenagem a esta escritora, este texto nos permite compreender o percurso interpretativo que é exigido ao leitor de poesia digital e os aspectos artísticos, tecnológicos e poéticos que envolvem essa arte.

Cavéquio, Maciel e Rezende investigam como os processos de leitura podem promover a autonomia e o pensamento crítico do leitor em formação, focando no papel da mídia nesse processo. Os autores trazem em "Formação do leitor: criticidade e autonomia" reflexões acerca da competência leitora e propõem vivências textuais em suas mais variadas formas: artes visuais, cinema, música, quadrinhos, etc. Algumas questões discutidas pelos autores: quando se pode considerar a leitura autônoma? Como abordar os textos virtuais e impressos em sala de aula?

Mas não é apenas da leitura de palavras que as pesquisas deste bloco temático se dedicam. Em "Análise iconográfica: um caminho metodológico de pesquisa em História da Educação", encontramos uma proposta de Terezinha Oliveira e Meire Aparecida Lôde Nunes, a qual faz uso da leitura de imagens. Neste artigo, encontramos sugestões de como as imagens podem ser lidas e de como elas revelam informações do contexto em que foram produzidas, uma vez que são fruto de uma mentalidade coletiva, sendo consideradas como fonte de pesquisa histórica.

Com os textos de André Luiz Antunes Netto Carreira e Eleonora Fabião, adentramos no segundo bloco temático desta edição, dedicada a pesquisas voltadas ao texto dramático. Em "Referências grotowskianas: tensões criativas na cena contemporânea brasileira", Carreira nos privilegia com um texto que discute as influências do pensamento de Grotowski no teatro contemporâneo, afunilando a discussão para o teatro de grupo e os processos de formação do ator.

Em "Corpo Cênico, estado cênico", Eleonora Fabião, com uma linguagem poética e sedutora, disserta sobre corpo cênico e estado cênico. A autora faz uso da metáfora criada por Merleau-Ponty acerca do corpo como tecido conectivo e desliza por experiências do olhar, da voz, do "corpo que sempre interage com algo" numa trama que envolve três forças: mnemônicas, imaginárias e perceptivas.

No terceiro bloco temático, apresentamos dois artigos que exploram as possibilidades de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa por meio da informática e da língua de sinais. "Percepção e uso da informática por um grupo de professores da área de Letras", de Simone Carboni Garcia e Vilson José Leffa, trata de analisar as percepções e as realidades de um grupo de professores da área de Letras no que diz respeito ao uso da informática na educação. Os autores se propõem discutir qual o envolvimento dos professores de Letras com a informática e como usam os recursos na sala de aula. "A importância da Língua de Sinais para as pessoas surdas na construção de uma linguagem plena e genuína", de Sílvia Andreis Witkoski e Tânia Maria Baibich-Faria, mostra a importância da Língua de Sinais para os surdos no seu desenvolvimento humano, na constituição de sua identidade e na percepção do mundo simbólico que os rodeia, desmistificando alguns preconceitos que ainda imperam a respeito do assunto.

Por último, trazemos na sessão do professor o relato de experiência "A liberdade a qualquer preço" de Etel Núci Oliveira Monteiro e na sessão Entrevistas um bate papo entre o poeta e crítico literário Fernando Aguiar e Jorge Luiz Antonio, acerca de uma produção pouco praticada no Brasil: poesia sonora, poesia performática, fotopoesia e instalação poética.

Etel Núci Oliveira Monteiro nos convida a ler um relato de experiência acerca do ensino da língua francesa por meio da leitura dos clássicos da literatura. A autora nos apresenta algumas das estratégias que emprega para incentivar a leitura e traz a público a reação de seus alunos frente ao repertório por ela selecionado, enfatizando como, por meio da leitura, o leitor constrói conceitos. O texto literário é o suporte para a reflexão e para a produção textual, sem perder de vista o prazer de ler.

Conduzida pelas mãos do poeta e pesquisador Jorge Luiz Antonio, a entrevista com o poeta português Fernando Aguiar nos permite vislumbrar o uso da tecnologia como um suporte para a criação poética em meio digital, uma ajuda à expressão poética. Fernando Aguiar vem se destacando

no cenário europeu pela produção de poesias que se utilizam de técnicas e de suportes diferentes das formas convencionais e, por meio delas, nos convida a ampliar nosso conceito de poema. Aliás, no desenrolar da entrevista, poderemos conhecer algumas produções visuais de Fernando Aguiar, que apesar de explorar à exaustão os limites dos meios tecnológicos, tem a letra como seu ponto de partida.

Esta última edição da Contrapontos de 2010 buscou trazer a público pesquisas que de uma ou de outra maneira contribuíssem para a discussão acerca da educação cultural do sujeito, pois esta, é notório, interfere na constituição da profissionalidade docente. O envolvimento do sujeito com a arte, seja a literatura, o teatro, a música, as artes visuais, permite o estabelecimento de relações sensíveis com o outro e com seu entorno, as quais poderão ser determinantes no processo de ensino e aprendizagem.

Para finalizar, gostaríamos de enfatizar que desejamos que as pesquisas que esta edição apresenta possam ampliar nossos sentidos para que possamos deslizar das “sombras e sobraângulos” das “formas indecifradas” às formas “sensicentes” de ver, ouvir e sentir de que nos fala Sebastião Uchoa Leite.

Boa leitura.

A Comissão Editorial